ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CONSELHO DE REPRESENTANTES

ATA N.º 29/2020

Aos três dias do mês de junho de dois mil e vinte, pelas dez horas e quarenta minutos, o Conselho de Representantes (CR) da Escola Superior de Comunicação Social, reuniu-se via zoom.

Na reunião estiveram presentes os seguintes membros: Beatriz Querido, Carlos Reis, Cláudia Silvestre (que presidiu e redigiu a presente ata), Francisco Sena Santos, Helena Ribeiro, Jorge Trindade, José Cavaleiro Rodrigues, Júlia Leitão de Barros, Madalena de Jesus, Mafalda Andrade, Manuel Marques Batista, Ricardo Nogueira, Rúben Neves. Os restantes membros efetivos comunicaram atempadamente a sua impossibilidade de participação na reunião, o que foi aceite pelo Conselho.

Esta reunião tinha a seguinte proposta de ordem de trabalhos:

1. Informações;
2. Aprovação da ata 28;
3. Perguntas referentes ao ensino a distância a incluir no questionário de avaliação da qualidade;
4. Reflexões sobre a prática de ensino a distância;
5. Assuntos supervenientes.

A Presidente do CR iniciou a reunião dando as boas vindas a todos conselheiros. Rúben Neves sugeriu trocar a ordem dos 3 e 4 que foi aceite, passando a ordem de trabalhos a ser:

1. Informações;
2. Aprovação da ata 28;
3. Reflexões sobre a prática de ensino a distância;
4. Perguntas referentes ao ensino a distância a incluir no questionário de avaliação da qualidade;

5. Assuntos supervenientes.

1. Informações

Cláudia Silvestre agradeceu o empenho de todos, alunos, funcionários e docentes nesta fase atípica em que vivemos, em que todos têm feito o seu melhor para que a Escola continuasse a cumprir os seus desígnios. E referiu que como é muito provável que o próximo ano letivo venha a ter também restrições faz sentido que o CR, devido às suas competências e composição, possa fazer uma reflexão mais abrangente e contribuir com sugestões.

Não havendo mais informações passou-se ao ponto 2.

2. Aprovação da ata 28

A ata número 28 foi aprovada por unanimidade.

3. Reflexões sobre a prática de ensino a distância

Helena Ribeiro referindo-se aos próximos momentos de avaliação, sugere que o CR recomendasse à Direção que em conjunto com o IPL, permitisse o acesso livre ao parque de estacionamento, aos alunos que têm que fazer avaliações presenciais na ESCS, assim como ver a viabilidade de, se necessário, poderem ficar nas residências do IPL, dado que alguns alunos são de fora de Lisboa e neste momento não têm onde ficar. Salientando que essas decisões devem ser tomadas atempadamente pois se os alunos só forem avisados em cima da hora de nada servem. Madalena de Jesus comentou que a Associação de Estudantes já havia falado com a Direção, mas foi informada que as residências do IPL estão ocupadas com outros alunos com necessidades mais prementes.

Passando para o que poderá vir a ser o próximo ano letivo, Cláudia Silvestre referiu os vários cenários, aulas sempre presenciais, aulas sempre a distância, modelo misto, aulas em que os professores estão sempre na sala de aula, mas alguns alunos assistem presencialmente e outros em casa. O que fez os conselheiros partilharem as suas reflexões sobre as dificuldades dos diferentes cenários.

Mafalda Andrade recordou que a Direção, em reunião com os coordenadores de secção, apresentou o seguinte modelo misto: 1/3 de aulas presenciais, 1/3 de aulas online e 1/3 de aulas deixadas ao critério do docente, podendo este optar pelo regime online ou presencial.

Júlia Barros, tendo por base a experiência deste semestre, alertou que o ensino não presencial funciona muito bem se as turmas forem pequenas, 10-12 alunos. Só assim é possível interagir com os alunos e estimular o espírito crítico.

Rúben Neves comentou que este semestre as aulas correram muito bem, contudo foi necessário mais tempo do que o habitual para abordar alguns tópicos da matéria e que os alunos não vão acabar o semestre com as mesmas capacidades adquiridas. Também salientou que é necessário pensar o que queremos como Escola, onde nos queremos posicionar.

José Cavaleiro referiu que embora tenhamos sido capazes de responder de forma extraordinária às várias solicitações, acredita que o futuro será mais complicado. Por agora fomos improvisando aulas à distância, que na generalidade correram bem, mas não tirámos partido das ferramentas que nos podem auxiliar neste tipo de aulas, salientando a necessidade de formação. Cláudia Silvestre reforça a necessidade de formação em relação às ferramentas, e à forma de lecionar.

Ricardo Nogueira defendeu que a nossa sobrevivência depende do ensino presencial, nunca o online. Levantou também a questão sobre como atrair alunos para os nossos cursos de comunicação, área da sociedade em recessão e muito afetada nesta crise, salientando desta forma a necessidade de nos redefinir.

Helena Ribeiro partilhou o desconforto que sente quando se fala na "nova normalidade", relembra que somos uma escola presencial, que não temos formação nem estratégias para comunicar à distância. Por isso temos que ter sempre no horizonte aulas presenciais. Assim, salienta como dois cenários possíveis, o presencial e o misto. Relembra que este semestre correu bem porque os alunos já tinham um vínculo com a ESCS, com os professores e com os colegas. Mas para o ano, os alunos do 1º ano entram num mundo completamente novo, por isso há que definir prioridades. Adoptando um regime misto, os alunos de 1º ano, 1ª vez, devem ter prioridade em assistir às aulas presenciais. Quanto às avaliações e relembrando a prática na Universidade Aberta, defende que os testes e os exames devem ser presenciais.

Manuel Batista concordou que deve haver alunos prioritários nas aulas presenciais, que a duração das aulas via zoom devem ser de menor duração, havendo assim a necessidade de ajustar os conteúdos.

Madalena de Jesus argumentou que só é possível haver empatia se as aulas forem presenciais e que toda a experiência académica só é vivida em regime presencial, concordando com a necessidade de dar prioridade aos alunos do 1º ano. Realçou também a dificuldade dos

alunos manterem-se concentrados em aulas à distância, e por isso defende que as aulas à distância devem ser de menor duração, também sugeriu a realização de pequenos exercícios ou perguntas de resposta rápida no final de cada aula para os alunos colocarem em prática o que acabou de ser explicado na aula.

Às 12h, por motivos justificados, Beatriz Querido ausentou-se.

Ricardo Nogueira concordou com as sugestões da aluna Madalena Jesus e considerou que o uso de documentários ou filmes também podem ser utilizados para quebrar a monotonia das aulas online. Contudo, alerta que também é preciso repensar a Escola, não apenas no formato das aulas, mas também naquilo que é preciso ensinar. O que se torna ainda mais relevante neste momento. Dando o exemplo de um índice comummente utilizado pelas instituições de ensino superior – a taxa de empregabilidade - mas que neste momento de recessão não pode ser usado. Por isso, considerou que devemos relembrar o que está na génese do ensino superior, a ligação com a sociedade e que esta questão tem sido deixada para segundo plano, pois tem-se privilegiado a ligação com o mercado. Nesse sentido levanta algumas questões para reflexão: Que ligação queremos e estamos a estabelecer com a sociedade? E como desenvolvemos o pensamento crítico?

José Cavaleiro relembrou que o nosso modelo de ensino assenta em aulas presenciais e é este o cenário que deve ser adotado sempre que possível. Considera que os modelos de ensino e-learning ou b-learning funcionam muito bem em cursos de curta duração, mas não é fácil replicar este modelo para alunos do 1º e 2º ciclo do ensino superior. E que no caso particular da ESCS, devemos acentuar a necessidade do ensino presencial para muitas unidades curriculares lecionadas nesta instituição.

Para Rúben Neves o espírito de tribo é uma das mais-valias da ESCS e que se perde com o ensino à distância, mesmo que seja só, parcialmente à distância. Porém sugere que se estude os três modelos de ensino, presencial, e-learning e b-learning, para se poder escolher o modelo a seguir.

Em relação aos três modelos de ensino referidos pelos colegas, Helena Ribeiro referiu que poderia fazer sentido pensar nos modelos e-learning e b-learning para as pós-graduações e eventualmente para os mestrados, mas em relação às licenciaturas o que nos diferencia é a componente prática, técnica, laboratorial e a proximidade na relação com os alunos nas UCs teóricas, esta marca da ESCS só pode ser garantida no modelo presencial.

Júlia Barros reforçou a importância dos contributos de todos e que seria interessante trocarmos experiências sobre como correu este 2º semestre. Também concorda com a formação. E adverte que as aulas presenciais fazem sentido mesmo para as matérias mais teóricas.

Às 12h28, por motivos justificados, Madalena de Jesus ausentou-se.

José Cavaleiro considerou que devemos ser incisivos em dizer aquilo que queremos, sem a preocupação de quem tem que gerir. E na certeza de que o ensino presencial é o património e riqueza da ESCS, salientou que devemos estar preocupados com a manutenção dos mínimos presenciais. Mas que isso não invalida que se pense em novas formas de ensino à distância e em criar novas ofertas formativas. Em relação à formação, acredita que seja fácil encontrar formadores dentro do IPL.

Carlos Reis, manifestou o seu receio quanto à forma como estamos a lidar com as mudanças na sociedade. Sublinha que vivemos na 4ª revolução industrial, que representa uma mudança de paradigma e não é simplesmente mais uma etapa do desenvolvimento tecnológico. Salienta que não sabe como isso afeta o ensino e o mercado de trabalho, logo a Escola como um todo e os funcionários em particular. Também observou que a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos está em constante evolução e questionou quem dentro da ESCS ou mesmo no IPL está a refletir sobre estas mudanças e na forma como nos devemos adaptar a elas.

Pensado também de forma mais global, Ricardo Nogueira colocou a tónica no que ensinar, nas razões que nos levam a ensinar e a fazer jornalismo, publicidade e marketing, relações públicas e comunicação empresarial ou audiovisual e multimédia, bem como na urgência de estabelecermos uma forte ligação com a sociedade e não estarmos apenas preocupados com a vertente empresarial.

4. Perguntas referentes ao ensino a distância a incluir no questionário de avaliação da qualidade;

Depois de se discutir o assunto e ouvir a opinião de alguns conselheiros sobre a forma como estavam a trabalhar a partir de casa, identificou-se um conjunto de tópicos que se consideram pertinentes na avaliação deste semestre: horas de trabalho (manteve-se; diminuiu; aumentou), meios técnicos (adequados; não adequados; necessidade de aquisição), experiência online (muito boa; ... ; muito má); formação (fornecida pela ESCS, outro tipo de

formação); se os alunos conseguiram reunir todos os recursos necessários à realização das tarefas propostas e se acham que a adaptação nos conteúdos e na avaliação foram adequados. Estas ideias serão enviadas à Presidente do Conselho Pedagógico com o intuito de serem colocadas no questionário de avaliação da qualidade.

5. Assuntos supervenientes

Cláudia Silvestre relembrou que todos poderão contribuir para a revisão dos Estatutos da ESCS e que brevemente irá enviar um email aos órgãos, aos coordenadores de curso e de secção pedindo as suas sugestões/considerações.

Nada mais havendo a tratar, pelas treze horas e dez minutos a Presidente deu por encerrada a sessão, tendo sido lavrada a presente ata.

A Presidente do Conselho de Representantes

Cláudia Vasconcelos Silvestre

A Vice-Presidente do Conselho de Representantes

Helena Ribeiro